

opusdei.org

# **São Josemaria Escrivá, Mestre de Perdão**

Jaime Cárdenas explica que os ensinamentos sobre o perdão em São Josemaria Escrivá se revestem de uma grande atualidade: é necessário redescobrir o perdão e aprender a amar. Este estudo foi publicado no número 53 de Romana, boletim oficial da Prelazia da Santa Cruz e Opus Dei.

13/05/2020

## Sumário

1. Redescobrir a novidade libertadora do perdão

2. O Grande Amor

3. No centro da mensagem fundacional

4. A homilia ‘O respeito cristão pela pessoa e pela sua liberdade’

5. Atitude ante as calúnias

6. O perdão como estilo de convivência e a cultura da paz

## **1. Redescobrir a novidade libertadora do perdão**

A mensagem de Cristo sobre o perdão foi revolucionária na sua época e continua a sê-lo agora. Supõe uma mudança de paradigma em relação ao “olho por olho, dente por dente”[1]. Na mensagem cristã, como

as relações humanas fundamentam-se no amor, o perdão – tal como o amor de Deus, do qual procede – não tem medida, não admite limites.

Como devo perdoar? Como Ele nos perdoou. Quantas vezes devo perdoar? Até sete vezes? Até setenta vezes sete[2]. A quem devo perdoar? A todos, já que o “amarás o teu próximo”[3] de Jesus amplia o próprio termo e abrange todas as pessoas, incluindo os inimigos[4] 4 e qualquer ação ofensiva. Passa-se da limitação da vingança à “lógica do amor”[5], ao ato positivo de amar quem ofendeu.

A misericórdia e o perdão são declarados no Sermão da Montanha[6]. De fato, “Este pedido é tão importante que é o único ao qual o Senhor volta e que desenvolve”[7]. Também é destacado no Pai-Nosso[8]. É um aspecto central da mensagem de Jesus[9], confirmado com uma das suas últimas ações na

terra, quando perdoa a violência da morte que se exercia contra Ele[10].

Devemos perdoar porque Deus nos perdoou primeiro. Temos de amar “como Ele nos amou”[11]. “O perdão de Deus converte-se também, nos nossos corações, em fonte inesgotável de perdão nas relações entre nós”[12]. Tal como Deus me perdoou desde a Cruz, sendo um “Amor que ama até o extremo do amor”[13], assim devemos nós perdoar, chegando também ao extremo.

O perdão faz parte da misericórdia divina e, como aponta São João Crisóstomo, “nada nos assemelha tanto a Deus como estarmos sempre dispostos a perdoar”[14]. Por isso, quem perdoa reflete com mais nitidez a imagem de Deus.

Perdoar é devolver um bem depois de receber um mal. É um modo especialmente intenso de doação de

si mesmo, que eleva a pessoa. O perdão não deixa as coisas como antes. Pelo contrário, a relação fica renovada e, de certo modo, purificada e mais profunda. Assim, a morte de Cristo na cruz renova e eleva as relações de Deus com os homens e dos homens entre si. Entre a cruz e a ressurreição esteve o perdão.

Em toda ofensa somos agredidos com um mal que pode fazer nascer outro mal dentro de nós. Verdadeiramente esse é o mal que todos devemos superar. O perdão impede a vingança, acalma a sensibilidade e purifica a memória. Por parte de quem é perdoado, o perdão capacita-o para superar tanto a ofensa cometida como a corresponsabilidade pelo novo pecado que poderia surgir na pessoa ofendida.

A vontade de perdoar e a sua aceitação fazem surgir a verdade e a justiça, “pressupostos do perdão”[15]. Abre-se o caminho para a cicatrização das feridas e torna possível a reconciliação. Se quisermos construir uma sociedade verdadeiramente humana, um dos meios deve ser a recuperação do perdão na sua natureza original.

É um verdadeiro desafio, pois há culturas onde a mensagem do perdão ainda não chegou, e sociedades pós-cristãs nas quais o perdão ficou desfigurado em suas características essenciais, ou é considerado como um consolo superficial de tipo sentimental-religioso que ajuda a suportar a ofensa sofrida. Por outro lado, perdoar pode ser difícil e em ocasiões pode parecer impossível[16], no entanto, “nenhuma comunidade pode sobreviver sem o perdão”[17].

Tem-se a impressão que hoje, dois mil anos após a vinda de Cristo, e de modo semelhante ao que aconteceu com o matrimônio, Deus dissesse: “no princípio não era assim”[18].

Num mundo marcado por conflitos, o ser humano é capaz de mais, a sua dignidade de filho de Deus reclama que supere o recurso à vingança, ao ressentimento e ao ódio. O dom de si deve alcançar também o processo de restauração das relações quando estas se quebraram ou deterioraram.

Todavia, há também desde os começos dos anos noventa do século passado um novo interesse pelo perdão, um redescobrimento[19]. A causa foi, principalmente, o conjunto de sequelas deixadas pelos conflitos armados, terrorismo, violações da dignidade da pessoa e dos direitos humanos, acontecidas nas últimas décadas. A violência em muitas ocasiões já cessou, mas não todos os seus efeitos.

Na tentativa de refazer vidas, os governos, organizações internacionais, instituições, comunidades, etc., quiseram oferecer respostas fundamentadas na atuação dos tribunais, principalmente condenações e reparações econômicas. Mas logo repararam que para poder culminar em processos realmente curativos, as respostas tinham que incidir plenamente no nível mais profundo da pessoa (no mesmo nível a que chegou a ofensa). Esse nível é o da dignidade radical de todo ser humano. Ao estrato mais íntimo não se chega apenas com essas medidas, que com frequência se centram mais no ofensor e na ordem social do Estado do que no ofendido, e que, além disso, muitas vezes são insuficientes por referir-se a ofensas irreparáveis.

Não bastam então, mesmo sendo necessárias, a justiça dos tribunais nem as reparações econômicas[20]. A

constatação desta insuficiência impulsionou nos últimos anos uma importante evolução do direito às reparações no âmbito dos direitos humanos. A evolução consiste, entre outros aspectos, em que as reparações procurem oferecer respostas globais para o dano causado, incluindo, além das econômicas, outras de diferente natureza e diferente alcance[21].

De entre estes novos canais surgiram conceitos como reconhecimento, verdade, arrependimento, transformação pessoal, dignificação, recordação, cura da dor, necessidade de libertação da culpa ou do desejo de vingança, do ódio, etc., elementos que, transbordando os moldes da justiça humana, levavam facilmente ao perdão, até essa altura esquecido, quando não desprezado pelo seu significado religioso[22].

Por esta via inesperada é por onde reaparece o perdão e a sua “novidade libertadora”[23] e curativa que atrai o interesse das instituições, universidades e estudiosos, que abordam o perdão do ponto de vista psicológico, antropológico, religioso ou sociológico, contribuindo com aprofundamentos e propondo-o como solução, não só para os grandes conflitos, mas também como solução à qual recorrer nas nossas relações cotidianas[24]. “Pedir e conceder o perdão é uma estrada profundamente digna do homem e, por vezes, é a única estrada para sair de situações marcadas por ódios antigos e violentos”[25].

Partindo destas realidades e das novas perspectivas presentes nas nossas sociedades, propomos agora a figura de São Josemaria como homem que sabia perdoar. No seu modo de considerar e de viver o perdão aparecem alguns traços mais

acentuados, que servirão de fundamento para o presente estudo.

Em primeiro lugar destaca-se uma caridade vivida em grau heroico. Depois, a mensagem da chamada universal à santidade, sobretudo na relação entre mentalidade laical, liberdade, compreensão e perdão, e a sua repercussão nas relações individuais e sociais. Em terceiro lugar, as contradições que sofreu durante toda a sua vida, principalmente em forma de calúnias e incompreensões. Aqui vamos deter-nos em alguns aspectos da homilia “O respeito cristão pela pessoa e pela sua liberdade”[26] que, entre os textos publicados de São Josemaria, é o que trata com uma perspectiva mais ampla e geral a questão das incompreensões e injustiças entre os homens[27]. Em seguida, tendo como ponto de apoio alguns testemunhos dos que o conheceram, analisaremos cada uma

das atitudes que adotava perante as ofensas.

Foi também um homem atento às coordenadas históricas, culturais e intelectuais do século XX e viu-se, além de mais, imerso na guerra civil espanhola. Ultrapassa o propósito do nosso estudo analisar a época desse conflito e, mais em geral, o contexto da sua vida no século XX, um século de conflitos armados e de violência. Devemos afirmar, contudo, já que reforça a coerência da sua caridade, que sempre manteve a mesma atitude de procurar o perdão e a reconciliação entre as pessoas, sem admitir exceções ao mandamento da caridade, por mais extraordinárias que fossem as situações[28].

Acabaremos o estudo com uma referência à prática do perdão na sociedade contemporânea e à cultura da paz.

## 2. O Grande Amor

### a. Afogar o mal em abundância de bem

Para São Josemaria, a raiz mais profunda do perdão reside no amor de Deus. Tinha interiorizado o duplo preceito da caridade[29]. Amava Deus sobre todas as coisas e por isso amava todos de modo positivo e operativo[30].

Em 1957, numa conversa com um filho espiritual, referia-se desta forma ao duplo mandamento e à sua coerência interna: “parece como se escutasse alguém, que me diz: amar Deus sobre todas as coisas é fácil, mas amar o próximo, amigos e inimigos... isso é muito difícil! Se verdadeiramente amasses Deus *‘ex toto corde tuo, ex tota anima tua, et ex tota fortitudine tua’*; com todo o teu coração, com toda a tua mente e com todas as tuas forças (Dt. 6, 5), o

amor ao próximo, que achas tão difícil, seria consequência do Grande Amor; e não te sentirias inimigo de ninguém”[31].

Sentia-se sensibilizado pelo modo como Deus o tinha amado e como o tinha perdoado durante toda a sua vida. Isto levava-o ao agradecimento e à identificação com Cristo amando todos à margem de qualquer outra consideração, derrubando as barreiras, como acontece numa inundação.

Transmitia à sua volta uma atmosfera de amor aos outros, valorizando cada pessoa como filho de Deus, como portador de uma dignidade que nem o pecado pode apagar. Sabia destacar, em cada um, os aspectos mais positivos. Detestava a aceção de pessoas[32] e estava muito longe de considerar-se possuidor de uma patente de

inocência que o legitimasse a olhar os outros de cima para baixo.

Neste contexto, o perdão exprimia-se mais como uma consequência da caridade do que como um dever acrescentado, chegando a dizer que “não precisei de aprender a perdoar, porque o Senhor me ensinou a amar”[33]. Com estas palavras destacava a caridade como fonte do perdão e este como uma maneira de amar. Talvez como a maneira mais profunda, porque algumas vezes pode ser a mais difícil de realizar. Era tal a sua caridade, que não precisava de perdoar porque, de fato, não se considerava ofendido. Percebia e doía-lhe o mal existente na ofensa, como pecado contra Deus. Como homem, também sentia a ofensa, mas a caridade afogava o rancor, o ódio ou a vingança desde o primeiro momento[34].

Seguia o conselho de São Paulo: “Não te deixes vencer pelo mal; antes, vence o mal com o bem”[35], que ele parafraseava dizendo que “é preciso afogar o mal em abundância de bem”[36].

## **b. O lar que eu vi**

Foi na sua família, na sua casa, o primeiro lugar onde Josemaria viveu as experiências do perdão concedido e outorgado. Os seus pais, José e Dolores, formaram um lar cristão onde o perdão se integrava de modo natural nas relações interpessoais. A sua família foi, para ele e para os seus irmãos e irmãs, uma escola de perdão e misericórdia, e lá aprendeu, na prática, a perdoar. Josemaria desde menino foi testemunha de como os seus pais perdoavam injustiças graves. Um perdão concedido com normalidade e discrição. Os seus pais evitavam também comentar as injustiças

diante dos filhos para evitar que surgissem neles faltas de caridade para com os responsáveis[37].

Incorporou assim, através do exemplo dos seus pais, uma caridade que ultrapassava a justiça, uma particular abertura do coração perante as pessoas mais carentes[38], a disposição para pedir perdão e perdoar, e tudo com discrição. Não será difícil, passados os anos, encontrar no perdão de São Josemaria o eco da atitude cristã dos seus pais ante as ofensas.

### **c. Unidade de vida**

Intimamente vinculado à caridade aparece um dos conceitos chave da sua doutrina espiritual, a unidade de vida: recordar aos cristãos que o amor de Deus capacita para unificar todos os aspectos da existência humana. Não deve dar-se um divórcio entre a fé e a existência concreta[39]. São Josemaria dizia que

cabe o perigo “de levar uma vida dupla: a vida interior, a vida de relação com Deus, por um lado; e por outro, diferente e separada, a vida familiar, profissional e social, cheia de pequenas realidades terrenas”[40].

Aplicar isto ao perdão significa que é preciso levar à prática, tornar possível, o que o Catecismo denomina a “unidade do perdão”[41], já que “o amor, como o Corpo de Cristo, é indivisível: não podemos amar o Deus que não vemos, se não amamos o irmão, a irmã, que vemos”[42]. O Pai Nosso exige a coerência do perdão na mais importante das relações: a relação da pessoa com Deus. Desta coerência dependem todas as outras relações.

São muitas as consequências da unidade de vida aplicáveis ao perdão. Comentaremos algumas que

nos parecem mais relevantes em São Josemaria.

A primeira é que perdoava a todos e vivia esta exigência na sua forma mais heroica, perdando também os inimigos. O perdão aos inimigos é especialmente difícil, pela sua carga emocional e pela falta de suportes humanos para o exercer, fundamentando-se por isso essencialmente na caridade. São Josemaria levava o mandamento do amor, por assim dizê-lo, além do perdão, pois repetia que não tinha inimigos, que não se sentia inimigo de ninguém. No seu modo de perdoar adverte-se uma vontade, não só de superar a reação negativa ante a ofensa, mas de chegar ao coração do ofensor e convertê-lo[43].

Em estrito sentido, não considerava inimigos os que efetivamente o atacavam[44], e num sentido mais amplo e próximo da vida corrente,

muito menos considerava inimigos os que estavam longe dele pelos seus modos de pensar, crenças, atuações, situações pessoais, opiniões políticas ou sociais, estilos de vida, etc. Estas questões podem ser com frequência motivo de distanciamento, e até ruptura, entre as pessoas, nas famílias e na sociedade. Neste segundo sentido podem-se ter mais inimigos do que parece à primeira vista; ou, pelo menos, mesmo que não inimigos, sim alguns que ficam no terreno da indiferença ou do desprezo quando, consciente ou inconscientemente, caímos na discriminação, deixando fora do nosso horizonte vital pessoas ou grupos de pessoas.

No âmbito do desenvolvimento da unidade de vida, São Josemaria tinha adquirido também a atitude de pedir perdão e de retificar se tivesse ofendido. Mons. Álvaro del Portillo, o seu colaborador mais próximo

durante quase quarenta anos, recordava que quando “isso acontecia, retificava imediatamente, e, se era o caso, pedia desculpas (...). Realmente, chamava a atenção a prontidão com que o Padre retificava, e não hesitava em fazê-lo em público, se necessário. Era uma característica muito vincada do seu comportamento, e desejava para todos *a alegria de retificar*”[45].

Não se refugiava na autoridade que tinha como fundador para não pedir perdão. Pelo contrário, entendia que precisamente pela sua autoridade devia estar mais atento para o fazer. Em coerência com a sua mensagem de santidade na vida corrente, pedia também perdão pelas pequenas ofensas, enganos ou mal-entendidos que podem surgir na vida de um homem de governo, que teve que trabalhar com muitas pessoas e tomar decisões relativas à formação e ao desenvolvimento do Opus Dei.

Outra dimensão da unidade é a exigência que São Josemaria propunha aos fiéis da Obra e às outras pessoas que se aproximavam dele ou dos apostolados do Opus Dei, de viverem as mesmas coisas que ele procurava viver. Não rebaixava a mensagem: todos deviam aprender a perdoar e a pedir perdão, e fazê-lo efetivamente por amor de Deus[46].

Na unidade do perdão assim vivida, manifesta-se a estreita relação que há entre sermos perdoados e o crescimento da nossa disposição para perdoar. Quem é perdoado está mais disposto a perdoar. Se é Deus quem perdoa, essa disposição intensifica-se, ao experimentar a necessidade de amá-Lo mais. Do mesmo modo, quando perdoamos aos outros, percebemos com mais clareza que também nós precisamos do perdão, e neste caso cresce o conhecimento próprio. É o que se poderia chamar o jogo da unidade do perdão que

impulsiona para o bem em todas as direções possíveis das nossas relações. Quem perdoa sempre faz crescer no seu interior uma disposição habitual para perdoar, conhece-se a si mesmo, lida melhor com a própria fragilidade e aprende a compreender a dos outros.

O perdão é um dos terrenos onde se mostra de forma mais evidente a quebra da unidade de vida entre os cristãos. A ausência de perdão, ou um perdão filtrado pela acepção de pessoas, é um sintoma de paganização, de carência de amor de Deus, um termômetro do enfraquecimento da vida cristã. Por isso, talvez hoje mais do que em outras épocas, ao tentar mostrar o verdadeiro rosto de Deus, é preciso sublinhar que os testemunhos de perdão têm uma grande força evangelizadora.

#### **d. Sacerdote de Jesus Cristo**

A condição sacerdotal de São Josemaria é também uma razão determinante para captar a profundidade dos seus ensinamentos e do seu exemplo pessoal sobre a centralidade da caridade e do perdão na vida cristã.

Entre outros aspectos que poderiam ser analisados, mencionaremos dois. O primeiro fica bem formulado numa das suas homilias: “qual é a identidade do sacerdote? A de Cristo”[47]. E na sua identificação com Cristo, o sacerdote, que foi ordenado para servir todos, tem de saber abrir os seus braços a toda a humanidade, amando, compreendendo, perdoando.

“Nem à direita, nem à esquerda, nem no centro. Eu, como sacerdote, procuro estar com Cristo, que sobre a Cruz abriu os dois braços e não apenas um deles; de cada grupo, tomo com liberdade aquilo que me

convence e que me faz ter o coração e os braços acolhedores para com toda a humanidade”[48]. O cultivo e o crescimento desta identificação na sua alma sacerdotal são a fonte e a razão última do seu amor aos outros e de que todos os que se aproximavam dele pudessem encontrar o acolhimento misericordioso e a fortaleza que precisavam.

O segundo aspecto é o seu amor ao sacramento da reconciliação; a administrá-lo e a recebê-lo. Como escreveu Mons. Álvaro del Portillo: “Teve uma autêntica paixão por administrar o sacramento da Penitência (...) e pregou incessantemente sobre este sacramento”[49]. Confessou a milhares de pessoas ao longo de toda a sua vida, e ele próprio o recebia semanalmente. Insistia em que os sacerdotes deviam confessar-se com

frequência e dedicar tempo a administrar o sacramento do perdão.

O sacerdote pede perdão a Deus pelos seus pecados na confissão; perdoa em nome de Cristo os pecados dos homens ao administrar o sacramento do perdão; pede perdão aos outros se ofendeu o próximo e o concede se o ofenderam. O sacerdote é um frequentador do perdão, e é o ser humano que toca com mais proximidade tanto a misericórdia de Deus, como a debilidade humana. Esta proximidade modela a alma e o coração do sacerdote, configurando-o com “um Deus que perdoa”[50].

Como conclusão podemos dizer que São Josemaria percebia, e sempre assim o viveu, que a identidade do ministério sacerdotal assenta sobre duas características: o amor à missa e ao sacramento do perdão. Cristo é pregado na cruz e daí, como fruto do

sacrifício, perdoa. Na missa identifica-se com o Cristo dos braços abertos a toda a humanidade e, ao administrar o perdão, identifica-se com Cristo perdoando do alto da cruz.

### **3. No centro da mensagem fundacional**

#### **a. Uma mensagem de amor e de paz**

O terceiro fator no qual se podem encontrar características marcantes sobre o perdão e a compreensão é a própria mensagem fundacional do Opus Dei. Um exemplo é o que oferecem estas palavras: “A Obra de Deus nasceu para estender por todo o mundo a mensagem de amor e de paz que o Senhor nos legou, para convidar todos os homens ao respeito pelos direitos da pessoa. (...) Vejo a Obra projetada nos séculos,

(...) defendendo a paz de Cristo, para que o mundo inteiro a possua”[51].

Nos seus escritos e na sua pregação, ao desenvolver os diferentes aspectos da mensagem, sublinhou os conceitos da dignidade e igualdade de todo o ser humano: paz, reconciliação, perdão, compreensão, convivência, amor à liberdade, liberdade das consciências, rejeição da violência para vencer e para convencer, etc.

Numa homilia pronunciada em 1967, no campus da Universidade de Navarra, São Josemaria, fazendo referência a esses conteúdos e dando algumas claves para os compreender, escreve: “e essa cristã *mentalidade laical* permitirá fugir de toda e qualquer intolerância, de todo fanatismo; vou dizê-lo de um modo positivo: fará que todos convivam em paz com todos os concidadãos, e fomentará também a convivência

nas diversas ordens da vida social. Sei que não tenho necessidade de recordar o que, ao longo de tantos anos, venho repetindo. Esta doutrina de liberdade de cidadãos, de convivência e de compreensão, constitui parte importante da mensagem que o Opus Dei difunde”[52].

Não é, portanto, uma ideia de paz e compreensão em geral, uma espécie de bom desejo, mas indica um fundamento, a filiação divina, e uma articulação, a mentalidade laical. Indica também que a convivência e a compreensão são temas principais da mensagem.

## **b. Mentalidade laical e rejeição do fanatismo**

Como se advertete no texto citado antes, São Josemaria vincula a mentalidade laical (quer dizer, a mentalidade do cristão comum que segue Cristo no meio das atividades

cotidianas) com a liberdade, a convivência e a rejeição do fanatismo. A intolerância é um fenômeno que também hoje padecemos, e cuja influência podemos sentir no âmbito da política, da cultura, do pensamento, da religião, etc. Os seus efeitos, pelo significado que têm de exclusão e de semente de violência, são a negação da liberdade e a corrosão da convivência.

São Josemaria sintetizava a mentalidade laical em três conclusões, que dão ao cristão um enquadramento para a sua atuação na vida civil, e que nos levam “a ser suficientemente honrados, para arcar com a nossa própria responsabilidade pessoal; a ser suficientemente cristãos, para respeitar os irmãos na fé, que propõem – em matérias de livre opinião – soluções diversas da que cada um sustenta; e a ser

suficientemente católicos, para não nos servirmos de nossa Mãe a Igreja, misturando-a em partidarismos humanos”[53].

A mentalidade laical, enraizada na liberdade própria e alheia e na responsabilidade, conduz a um compromisso de convivência e compreensão, fundamentando-se precisamente nas próprias convicções. A convivência consiste em viver juntos mantendo convicções diferentes, e não em que todos tenham as mesmas ou que ninguém tenha nenhuma. A mentalidade laical fomenta por esta via uma cultura mais pacífica, que tende a evitar os conflitos, não os ignorando ou pensando que a verdade não existe, mas pelo modo de aceitar as diferenças[54].

A mentalidade laical mostra todos os seus contornos à luz da chamada universal à santidade, principal

mensagem difundida por São Josemaria através do Opus Dei, que envolve a dignidade de toda a pessoa criada à imagem de Deus. O cristão, consciente desta dignidade, permanecerá aberto a todas as pessoas sem discriminações de tipo nenhum. Por outro lado, aquela chamada ocorre no meio do mundo, no lugar onde se produzem as mudanças, visto que são todos, cristãos ou não, os que as promovem e fazem a história. É o lugar onde nascem os conflitos e onde devem ser resolvidos[55].

Com esta perspectiva de caridade vivida coerentemente será mais difícil para o cristão cair no fanatismo com os seus concidadãos, sejam ou não irmãos na fé. “Nada mais alheio à fé cristã do que o fanatismo que acompanha os estranhos conúbios entre o profano e o espiritual, sejam de que sinal forem”[56].

No horizonte da nova evangelização, a mentalidade laical evitará olhar o mundo como coisa alheia à fé, ou com mentalidade de seletos[57] que tentam transformá-lo a partir de fora[58]. Neste caso, a posição errônea em que se tivessem colocado os cristãos determinaria já o tipo de relação estabelecida com o mundo.

A rejeição do fanatismo também significa que não é legítimo responder ao fanatismo com fanatismo. Tentar superar um mal com outro mal implica continuar com o ciclo da vingança e da agressão. A vingança não é uma solução verdadeira para o problema. O mal vence-se com o bem, a mentira com a verdade. A difusão da verdade tem de estar acompanhada pela caridade.

Simultaneamente, a mentalidade laical é totalmente contrária à passividade ou à inibição:

impulsiona a exercer os próprios direitos, a cumprir os deveres cívicos, a comprometer-se com a verdade, a praticar a fé em privado e em público, e a tentar transformar a sociedade.

No inevitável contraste entre a ação do cristão no mundo e uma sociedade paganizada, será testada a compenetração entre a verdade e a caridade. É aí, precisamente, na ação diária, onde o cristão tomará consciência da importância do seu papel de evangelizador, pois é ele quem, atuando com liberdade e assumindo a sua responsabilidade, deverá conjugar a verdade e a caridade no caso concreto.

## **4. A homilia “O respeito cristão pela pessoa e pela sua liberdade”**

### **a. Abordagem e linhas de força**

A homilia “O respeito cristão pela pessoa e pela sua liberdade”, datada de 15 março de 1961, faz parte de “É Cristo que passa”, o último dos livros que São Josemaria publicou em vida, em 1973.

É uma meditação sobre a caridade cristã, a compreensão e o perdão, e inclui também uma reflexão sobre determinados fatos que deixaram rasto no seu interior, amadurecidos pela sua caridade e o seu sentido da liberdade e da justiça. Trata-se de um texto sapiencial.

O tema central não é tanto a análise das exigências práticas da caridade com os outros, mas antes uma meditação sobre o duplo preceito da caridade. O “amarás Deus” aparece de modo implícito como fio condutor do discurso. A sua consequência, o “amarás o teu próximo”, desenvolve-se explicitamente, ao mesmo tempo que se descobrem algumas

consequências derivadas da ausência dessa virtude nas relações pessoais e sociais.

O fio condutor é a identificação do cristão com Cristo no exercício da caridade. “A caridade de Cristo não é apenas um bom sentimento em relação ao próximo. (...) A caridade, infundida por Deus na alma, transforma por dentro a inteligência e a vontade, dá base sobrenatural à amizade e à alegria de fazer o bem”[59]. São Josemaria chamava a esta transformação progressiva o “endeusamento bom”[60]. A essência da transformação é capacitar-nos para vencer o mal com o bem.

A origem da homilia parece basear-se nas incompreensões sofridas, que partem “da falsa mentalidade de que o público (...) tem o direito de conhecer e interpretar os pormenores mais íntimos da existência dos outros”[61]. Da

insatisfação deste desejo insano ou mórbido, ou da interpretação torcida das atuações alheias, nascem os ataques às vítimas, que “foram, com frequência e durante longos anos, o alvo de exercícios de tiro de murmurações, difamações e calúnias”[62].

Nesse contexto, São Josemaria se refere à sua própria experiência ao difundir a mensagem do Opus Dei. A grande maioria das pessoas entendia-o e outros, embora sem partilhar os mesmos modos apostólicos, respeitavam o Fundador e os seus apóstolados. “Mas nunca falta uma minoria sectária que, não entendendo o que eu e tantos outros amamos, quereria que explicássemos as coisas de acordo com a sua mentalidade: exclusivamente política, alheia aos valores sobrenaturais, atenta unicamente ao equilíbrio de interesses e de pressões de grupos. Se não recebem uma

explicação dessa natureza, errônea e ajeitada a seu gosto, continuam a pensar que há mentira, dissimulação, planos sinistros”[63].

As calúnias procediam sobretudo de duas origens. A primeira, a falta de compreensão da novidade da mensagem da chamada universal à santidade no meio do mundo[64] e um certo ciúme pelo trabalho apostólico desenvolvido pelo Fundador. Deste ciúme e da falta de compreensão do fenômeno apostólico, alguns passavam ao ataque à Obra ou à pessoa do Fundador, pensando que minando a sua reputação sofreria também a fundação[65]. A segunda, procedia de confundir o Opus Dei com um novo grupo político ou grupo de pressão, atribuindo erroneamente à Obra as atuações individuais e livres dos seus membros na sua atividade profissional, política, etc.[66].

A propósito destes dois temas, desenvolve a sua ideia sobre a liberdade cristã, o direito à própria intimidade e os ataques que podem sofrer. A calúnia implica a negação da liberdade e frequentemente lesa o direito à intimidade.

No fim do texto retoma o fio condutor, a caridade. Se houver amor de Deus, haverá também amor ao próximo, respeito pela pessoa. A transformação da inteligência e a vontade abrem os olhos para ver que “a caridade cristã não se limita a socorrer os necessitados de bens económicos; leva-nos, antes de mais nada, a respeitar e a defender cada indivíduo enquanto tal, na sua dignidade intrínseca de homem e de filho do Criador”[67].

## **b. A liberdade, o direito à intimidade e a ser você mesmo**

Uma das grandes mensagens de São Josemaria é a chamada à

liberdade[68]: a reivindicação da liberdade dos filhos de Deus. Este santo repete que Deus criou o ser humano digno, livre e responsável. Na sociedade, a liberdade traduz-se em pluralismo. Entendido assim, o pluralismo é uma fonte de riqueza[69]. Mas pode ser uma fonte de conflitos, se houver ataques à liberdade ou se faltarem a justiça e a caridade. Estas têm de estar presentes na formação da pluralidade, como um impulso interior, de dentro de cada pessoa. São Josemaria, mais do que estar de acordo com o pluralismo, ou tolerá-lo simplesmente, vê com maior profundidade, sublinhando que se deve o respeito à pessoa pela sua dignidade originária. É preciso respeitar a pessoa, que é digna e livre, e, portanto, o pluralismo e as diferenças que resultam dessa condição.

O direito à intimidade, ao evitar ter que expor a própria vida, é indispensável para salvaguardar a liberdade de atuação. São Josemaria fala da violação deste direito, do sofrimento das vítimas e da necessidade de defendê-lo: “Perante os mercadores da suspeita, que dão a impressão de organizarem um *tráfico da intimidade*, é preciso defender a dignidade de cada pessoa, seu direito ao silêncio”[70].

Na sua reivindicação do direito à intimidade e à fama, invocará o terreno comum da dignidade humana, que diz respeito a todas as pessoas, com independência da sua fé. “Costumam estar de acordo nesta defesa todos os homens honrados, sejam ou não cristãos, porque está em jogo um valor comum: a legítima decisão de cada qual ser como é, de não se exhibir, de conservar em justa e pudica reserva as suas alegrias, as suas penas e dores de família; e

sobretudo de praticar o bem sem espetáculo, de ajudar os necessitados por puro amor, sem obrigação de publicar essas tarefas a serviço dos outros ”[71].

Previne sobre a possível falta de coerência, de unidade de vida, ante o perigo de adular a caridade até chegar à injustiça. Chamar-se cristão não é garantia de estimar bem as pessoas. Por isso, diz que “não nos deve causar estranheza que muitas pessoas, mesmo entre as que se consideram cristãs, se comportem de forma parecida. Antes de mais nada, imaginam o mal. Sem prova alguma, pressupõem-no; e não só admitem essa ordem de pensamentos, como ainda se atrevem a manifestá-los num juízo aventurado, diante da multidão”[72].

A mensagem do Opus Dei precisa de liberdade, como é preciso o oxigênio para viver. Sendo este anúncio uma

chamada à santidade de todas as pessoas através da santificação do trabalho, da família e das relações sociais, a liberdade aparece como coisa prévia, como o único caldo de cultivo adequado para a propagação da mensagem.

Mas nem todos compreenderam esta liberdade radical do cristão. A falta de compreensão está presente também na origem das calúnias. No nível mais visível, a boa fama foi a primeira vítima. Num nível mais profundo, que São Josemaria percebeu imediatamente, a verdadeira vítima era a liberdade e o respeito devido a cada pessoa.

Por isso São Josemaria foi um incansável defensor da liberdade: “Podem testemunhar que tenho passado toda a minha vida pregando a liberdade pessoal, com igual responsabilidade pessoal. Procurei-a e procuro-a por toda a terra, como

Diógenes procurava um homem. E cada dia que passa amo-a mais, amo-a sobre todas as coisas da terra: é um tesouro que nunca saberemos apreciar suficientemente”[73].

Exporá depois a trama da calúnia. Indicará os métodos e argumentações utilizados para caluniar e como, seguindo um itinerário perverso, os métodos converteram-se em usos aceites na sociedade, destacando-se entre eles a presunção da culpabilidade do outro, a admissão da suspeita como norma. A aceitação geral desses métodos e argumentações, contribuiu ao mau uso que, em algumas ocasiões, se fez dos avanços técnicos nos meios de comunicação, servindo às vezes de veículo de injustiças.

O final do percurso é a banalização da calúnia, que degrada a dignidade da pessoa e o respeito para com ela. A lei da suspeita parece ter-se

imposto nas relações individuais, sociais, econômicas, etc., e a confiança é um valor em baixa.

Atrás das consequências da presunção de culpabilidade e a suspeita, surge o meaculpismo, também descrito por São Josemaria: “Partem muitas vezes do princípio de que todo mundo se comporta mal; e com base nessa forma errônea de pensar, surge inevitável mente o *meaculpismo*, a autocrítica. Se uma pessoa não joga sobre si mesma uma tonelada de lama, deduzem que, além de ser completamente má, é hipócrita e arrogante”[74].

As palavras de São Josemaria soam hoje com a mesma força e atualidade do que na época[75] e destacam a importância de que as relações interpessoais assentem na verdade e na caridade, único modo e de gerar confiança no corpo social.

### **c. A caridade: da escuridão à luz**

São Josemaria analisará depois a perturbação do ofendido, as suas reações, a sua situação indefesa e o modo de enfrentar com espírito cristão as calúnias, com atitude de perdão. Por último, descreverá como, ao conhecer Jesus Cristo, inicia-se na pessoa um processo de transformação que a conduzirá a perceber a dignidade de cada pessoa e, conseqüentemente, a uma mudança no seu olhar e no seu relacionamento. O processo vai, do modo de pensar mal, à justiça e à caridade que levam a respeitar e amar todos, com conseqüências concretas.

São Josemaria compara o exercício e o efeito da caridade com a passagem da cegueira à visão. “Entre os que não conhecem Cristo, há muitos homens honrados que, por elementar circunspecção, sabem comportar-se delicadamente: são sinceros, cordiais, educados. Se eles e

nós não nos opusermos a ser curados por Cristo da cegueira que ainda resta em nossos olhos (...) compreenderemos as realidades terrenas e vislumbraremos as eternas sob uma luz nova, a luz da fé; teremos adquirido um olhar limpo”[76]. Isso tudo está de acordo com a nossa dignidade.

Para isso, partindo da cena da cura do cego de nascença narrada por São João[77], centra-se, não na cura do cego, no milagre, mas nas atitudes das personagens: Jesus, os discípulos e os fariseus. “Gostaria agora de fixar a atenção sobre outros aspectos, para que compreendamos que, quando há amor de Deus, o cristão também não pode permanecer indiferente perante a sorte dos outros homens e sabe por sua vez tratar a todos com respeito; e que, quando esse amor decai, surge o perigo de se invadir, fanática e impiedosamente, a consciência alheia”[78].

As personagens do Evangelho olham para o cego cada um com o seu coração: Jesus vê-o com olhos de misericórdia e pensa curá-lo; os discípulos perguntam a Jesus quais são os pecados que causaram a cegueira, se os de cego ou os dos seus pais, pressupondo (como era habitual no contexto religioso-cultural da época) que se alguém sofre uma desgraça é porque fez alguma coisa má. Os fariseus, pela sua vez, não querem acreditar no que têm à sua frente, e tentam forçar a realidade até encaixá-la nos seus preconceitos.

São Josemaria descreve a transformação paulatina dos discípulos no seu contato com Cristo e a obstinada rejeição de Deus dos fariseus. Nos primeiros veremos como o amor de Deus transforma verdadeiramente as pessoas, mudando o paradigma da sua relação com os outros. Os segundos,

ao fechar-se em si próprios, não quererão ver o seu irmão, o cego, e expulsá-lo-ão da sinagoga, pois “este nevoeiro tem resultados imediatos na vida de relação com os nossos semelhantes”[79].

Graças ao contato com Cristo, o cego recupera a vista e os discípulos passam da escuridão à luz:

“comportavam-se na linha do refrão infeliz: pensa mal e acertarás.

Depois, chegam a conhecer melhor o Mestre, apercebem-se do que significa ser cristão, e a partir daí suas opiniões inspiram-se na compreensão”[80]. Por sua vez, os fariseus aferram-se à sua cegueira convencidos, como tantos outros, de que quem suspeita está certo e é superior aos outros. Cristo devolve a luz ao cego e transforma os seus discípulos, mas não consegue devolver a luz aos fariseus, e respeita também a sua liberdade.

Nos últimos parágrafos da homilia, São Josemaria convida o leitor a enfrentar as ofensas com a atitude própria do cristão já transformado: fazer “propósito de não julgarmos os outros, de não os ofendermos nem sequer com a dúvida, de afogarmos o mal em abundância de bem (...), de nunca nos entristecermos se a nossa conduta reta for mal-entendida por outros, se o bem que (...) for interpretado de um modo retorcido (...). Perdoemos sempre, com o sorriso nos lábios. Falemos com clareza, sem rancor, quando nos parecer em consciência que devemos falar. E deixemos tudo nas mãos do nosso Pai Deus, com divino silêncio (...) se se trata de ataques pessoais”[81].

## **5. Atitude ante as calúnias**

### **a. Justificação**

Examinamos até aqui as fontes que conformaram a atitude de São Josemaria para com o perdão. Corresponde agora deter-se no modo como viveu essa atitude e como reagia ante as ofensas, perdoando os agressores.

As calúnias começaram quando a Obra, fundada em 1928, começa a ser conhecida nos começos dos anos trinta em Madri[82]. Após a guerra, nos anos quarenta e cinquenta, os ataques foram especialmente duros[83]. Por exemplo, entre outros, testemunhava Mons. Pedro Cantero: “foi tal a violência daquelas calúnias e ataques, que, se a Obra tivesse sido uma coisa simplesmente humana, teria sido destruída ou teria ficado muito maltratada”[84]. Os ataques continuaram nos anos sessenta e até ao fim da sua vida em 1975[85].

Queremos centrar-nos nestes fatos por diversas razões:

O primeiro é que a permanência da calúnia no tempo e cada nova agressão, exigiam a São Josemaria viver de modo heroico a caridade e a fortaleza. Constata-se nos testemunhos dos que o conheceram e nos seus escritos, que a sua atitude ante as ofensas foi sempre a mesma até ao fim da sua vida. Há uma linha constante de perseverança e crescimento na caridade. Como recordava o Cardeal Bueno Monreal, “é este um capítulo no qual talvez Josemaria encontrou a ocasião de amadurecer, crescendo na prática heroica da caridade”[86].

A segunda é que toda aquela época está vinculada ao trabalho fundacional de São Josemaria: estender o Opus Dei, explicar o seu espírito, proteger o carisma e definir o seu enquadramento jurídico na Igreja. As calúnias apareciam como um obstáculo para a expansão da Obra, mas ao mesmo tempo estavam

com a primeira expansão e com a pessoa do Fundador[87].

A terceira razão é que as ofensas provinham frequentemente de outros católicos, incluindo eclesiásticos, que deveriam – mesmo discordando dos seus pontos de vista, dos seus modos apostólicos ou da sua espiritualidade – tratá-lo com caridade. O fato de as ofensas virem de católicos ou eclesiásticos acrescentava gravidade e dor às mesmas. Estas agressões distinguem-se das recebidas durante a guerra civil, na qual era perseguido por ser sacerdote.

Em quarto lugar, o tipo de agressão especialmente ofensivo que constitui a calúnia. A calúnia lesa a justiça, ao atacar a honra e a fama. Lesa também a caridade. É um tipo de mal cujos efeitos, uma vez ativados pelo ofensor, ficam de fora da sua vontade, adquirem vida própria e

propagam-se como uma metástase que invade um corpo são. A calúnia repete-se e é recebida frequentemente sem comprovar a sua veracidade ou falsidade. A repetição gera estereótipos, em forma de clichês, que depois são muito difíceis de apagar. Ainda hoje persistem resíduos de calúnias lançadas naquela época, como já o Fundador previra que aconteceria[88].

É também característico da calúnia o seu potencial de violência psicológica. De modo diferente ao que acontece em outras agressões, que duram um tempo determinado e depois cessam, a calúnia atua continuamente no tempo e a sua duração é indeterminada, perpetuando a dor. Isto pode produzir uma verdadeira tortura psicológica no ofendido, que fica submetido a uma tensão permanente. Por último, temos que

sublinhar, em outra ordem de ideias que, remetendo-nos aos fatos, refletidos na rápida expansão do Opus Dei pelo mundo, a imensa maioria das pessoas entendiam a novidade da mensagem do Opus Dei: “Muitos milhares de pessoas – milhões – em todo o mundo compreenderam do que se tratava”[89].

## **b. Humildade**

A primeira atitude que encontramos em São Josemaria, mais do que uma atitude é um ponto de chegada que condicionará o conjunto da sua resposta às calúnias. Os ataques à sua fama propiciaram o progressivo desprendimento de si mesmo, iniciado já em anos anteriores. Deus serviu-se das campanhas difamatórias para conduzi-lo pela sua mão em direção à humildade, à purificação e à identificação com Cristo na sua Paixão. Contava-o ele

mesmo, recordando um momento concreto na época mais difícil, no começo dos anos quarenta: “chegou um momento em que tive que ir noite ao Sacrário (...), e dizer: Senhor – custava-me, custava-me muito porque sou muito soberbo, e me caíam umas grandes lágrimas... –, se Tu não precisas da minha honra, eu para que a quero? Desde então já não me importo com nada”[90].

Esse “chegou um momento” é revelador do processo interior de São Josemaria, das suas possíveis dúvidas e resistências interiores para admitir que a sua fama ficasse destroçada, como sendo uma coisa que Deus permitia. As palavras “se Tu não precisas da minha honram eu para que é que a quero?”, são o ponto de chegada a um grau de humildade a partir do qual já não se preocupará, entre outros aspectos, com a sua fama.



Mas queria esclarecer que isto não supunha nele qualquer coisa como uma reação estoica, passiva ou apática. A sua reação era dinâmica, de muitíssima oração e mortificação (...) e de total confiança em Deus”[94].

O cúmulo de calúnias poderia ter deixado nele um fundo de amargura, de desconfiança ou de cinismo, mas graças ao perdão concedido sempre e no primeiro momento, tornou-se uma pessoa profundamente humana e compreensiva. “Nestas e noutras circunstâncias semelhantes, jamais vi nele uma reação de rancor. Não era homem para isso, mas sim para compreender, perdoar e esquecer”[95].

Lembramos o testemunho sobre São Josemaria de Mons. Juan Hervás, fundador dos Cursos de Cristandade. Este prelado sofreu calúnias por causa dos Cursos nos anos cinquenta

do século passado. No meio dessa contradição, teve que viajar a Roma, porque foi acusado ante o Santo Ofício. Como era amigo de São Josemaria, aproveitou para conversar com ele.

Anos depois, em 1976, recordava o que lhe disse, depois de lhe contar as tribulações pelas que passava nesse momento: “Não te preocupes, são benfeitores, porque nos ajudam a purificar-nos. É preciso amá-los e rezar por eles’, e reforçava as suas palavras quando me insistia na necessidade de termos amor aos que não nos compreendem, de rezar pelos que julgam sem querer conhecer o assunto, e insistia no dever de darmos só atenção à voz da Igreja e não aos boatos de rua, e manter, com a ajuda de Deus, o coração limpo de amarguras e ressentimentos. Como me fizeram bem as suas palavras! Eram a comunicação de uma experiência





































































































































